

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS*

Mirian Rodrigues de Souza

Resumo: O presente artigo trata da violência nas escolas, suas causas e consequências. Atualmente é visível a manifestação da violência na sociedade em geral e nas escolas em particular. Frente a essa realidade, torna-se necessária uma análise sobre o tema que considere não a violência em si, mas os elementos a ela ligados. Assim, há que se verificar as manifestações da violência na sociedade, seus motivos, seus tipos e as possíveis consequências no ambiente escolar, considerando o desenvolvimento do educando. Uma vez realizada tal análise, pretende-se apresentar algumas possibilidades de trabalho que possam contribuir para amenizar a questão da violência nas escolas. Lembrando que a escola é o espaço social para a formação de cidadãos autônomos, se faz necessário repensar seu papel e propor alternativas que amenizem os conflitos vividos no ambiente escolar.

Palavras-chave: Violência. Escola. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Todos os dias nos chegamos, através da mídia, notícias dos mais variados tipos de violência vivenciados na sociedade brasileira e mesmo em âmbito internacional. Particularmente observa-se, dentro das escolas, crianças e adolescentes cometendo infrações que se caracterizam por agressões verbais, físicas, pichações, bullings, e furtos, sem nenhuma causa aparente que justifique tais ações ou comportamentos. Estes tipos de comportamentos, além de despertar o interesse em compreender o fenômeno da violência de forma ampla, por parte das autoridades competentes, exigem também, daqueles que se dedicam à esfera educacional, um olhar mais atento e observador, quanto aos comportamentos estudantis, suas manifestações e consequências no cotidiano escolar.

Vítima da violência, a criança, além de reproduzi-la, pode reagir através de uma mudança brusca de comportamento. Falta de atenção, baixa auto-estima, variação de humor e agressividade são alguns sinais aos quais pais e educadores devem estar sempre atentos. No entanto, apesar da violência ocorrer dentro das escolas, não é gerada pela escola em si, mas por fatores externos, como famílias desestruturadas, narcotráfico, conflitos sociais etc. Dessa forma, se faz necessário identificar os tipos de violência sofridos pelas crianças, para melhor compreender seus reflexos no ambiente escolar.

* Artigo apresentado ao Instituto Superior de Educação, da Faculdade Alfredo Nasser, como requisito parcial para conclusão do curso de Pedagogia, sob orientação da Prof^a. Ms. Giselle Garcia de Oliveira.

Concebida de várias formas na relação social, a violência pode ser caracterizada como imposição de algo realizado por um indivíduo/grupo social a outro indivíduo/grupo social contra a sua vontade. Dependendo do local e da maneira como ocorre a violência, ela pode ser classificada como criminal, policial, estatal, institucional; pode também ocorrer na forma física ou psicológica, doméstica, rural, urbana, escolar dentre outras classificações, podendo ser aparente ou não.

Se as formas aparentes da violência são de fácil percepção, as formas psicológicas ocasionadas por ameaças, humilhações, intimidações, rejeição e desrespeito, nem sempre são percebidas e, muitas vezes, podem ser ainda mais graves. A invisibilidade desse tipo de agressão contribui para gerar um ambiente de segregação dentro das escolas, com grupelhos que marcam seu campo, seu espaço pela violência.

Todas essas considerações são analisadas no âmbito desse trabalho, tendo como foco primordial, analisar especificamente a violência nas escolas, uma vez que a escola é uma instituição que tem como objetivo socializar e re-socializar os indivíduos, para viverem e reproduzirem determinadas relações. Dessa forma, é no campo da educação que se faz imprescindível fazer o levantamento da situação atual e apresentar opções que possibilitem solucionar os problemas que afetem negativamente a escola e os meios a ela relacionados.

Deve-se conscientizar a comunidade escolar e não-escolar sobre as formas da violência e suas consequências na vida do indivíduo, bem como lhe oferecer condições de análise quanto à influência dos inúmeros fatores de violência externos que refletem no comportamento das crianças na vida escolar, fornecendo subsídios para que os educadores identifiquem e busquem minimizar ou solucionar os mesmos, constituindo assim, outras pretensões.

O que é violência, como se apresenta na sociedade, sobretudo, nas escolas, qual são os elementos causadores dessa violência e de que forma educadores e comunidade podem contribuir para amenizar o problema, constituem o elenco de questionamentos necessários para realizar as propostas acima relacionadas, sendo, portanto, indispensável conhecer o que se tem produzido e discutido sobre o tema da violência.

Sob diversos olhares têm-se diferentes abordagens que tratam desde as manifestações da violência como fez Odália (1985), passando por questões relacionadas aos tipos de violência caracterizada por Araújo (2002) em institucional, simbólica e disciplinar.

Nesse contexto, Viana (2002) faz uma abordagem investigativa do fenômeno como condição necessária à solução. Pedro Silva (2004), e as entidades CRAMI, A REDE e CLAVES² (BRASIL, 2004) mostram que a falta de alguns fatores, como afeto, valores, e modelos positivos sociais, assim como o abandono e negligência por parte dos pais, podem contribuir para que crianças e adolescentes se tornem violentos. O que se coloca, portanto, em pauta, é a privação afetiva e social analisada por Mangini (2008).

Essa violência é direcionada de diferentes formas e para diferentes alvos, sobretudo, no ambiente escolar. Loureiro e Queiroz (2005) abordam a questão a partir da idéia de incivildades, caracterizada pela falta de respeito ao próximo e consequentes agressões verbais como ameaças e xingamentos. Dentro desse quadro de violências desferidas no espaço escolar, Araújo (2002) ainda traz outras formas que alteram a rotina da escola diariamente, com interferências de grupos sitiados como gangues e narcotráfico. Nessa perspectiva das drogas e suas relações com a violência dentro das escolas, encontra-se as abordagens de Machado (2008) e Resta (2008)

Esses aportes teóricos significam, metodologicamente, a possibilidade de lançar mão da análise dessa bibliografia. Nesse sentido, proceder-se-á realizando suas leituras e, posteriormente, retirando das mesmas, as contribuições pertinentes para realização das propostas colocadas para esse artigo.

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES NA SOCIEDADE

Cotidianamente convive-se com diversas modalidades de violência, visíveis ou disfarçadas, variando inclusive a intensidade das ocorrências. As formas e o grau das ações violentas variam, porém suas marcas são profundas para aqueles que são vitimados. Cada vez mais perceptível na sociedade, o fenômeno da violência, seja urbana, policial, familiar ou escolar, tornou-se objeto de estudo e tem ocupado grande parte das reflexões de profissionais dedicados à análise dos fenômenos sociológicos.

Sabe-se que a violência não se restringe apenas ao homem contemporâneo, ela acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos. Segundo Odália “[...] não se pode

² CRAMI – Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância. REDE – Termo utilizado como conceito que permite o compartilhamento de objetivos e procedimentos, por meio de interações necessárias entre as instâncias institucionais. CLAVES – Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde. (BRASIL, 2004).

deixar de reconhecer que uma das condições básicas da sobrevivência do homem, num mundo hostil, foi exatamente sua capacidade de produzir violência numa escala desconhecida pelos outros animais.” (1985, p. 14).

O que se depreende de tal consideração é que, historicamente, a agressividade é inerente ao ser humano, que busca satisfazer suas necessidades básicas e subsistir em uma sociedade adversa. Diferente dos animais, que manifestam seus instintos apenas quando são ameaçados em seus interesses vitais, o homem manifesta impulsos agressivos para investimentos destrutivos, entre seres da mesma espécie, quando outros meios de soluções poderiam ser empregados. O uso da violência, como meio para resolver conflitos pessoais, significa, por parte dos homens, deixar de utilizar o instrumento que os diferenciam dos outros animais, o diálogo.

Contudo, mais que um aspecto histórico e intrínseco ao ser humano, importa refletir sobre os motivos que desencadeiam ações de violência. Sem querer retroceder a uma análise histórica minuciosa do fenômeno, é preciso reconhecer que a violência está arraigada nos passos e nos gestos do homem, mas é, sobretudo, um fenômeno típico dessa época, um traço que caracteriza acentuadamente o tempo atual; nesse sentido, interessa-se compreender a violência e suas manifestações, na era contemporânea. Torna-se necessário conhecer alguns tipos e formas, classificados como: violência original, institucionalizada, doméstica, familiar que se apresentam nas formas de violência física e psicológica.

Diante desse quadro de constatação da violência, no sentido original, tem-se, como já assinalado, a consideração do fenômeno como algo histórico, variando de acordo com os contextos sócio-culturais. Quanto à sua forma original, o que se tem é a que se exprime pela agressão física, praticada por indivíduo/grupo, contra indivíduo/grupo, com objetivo de causar dano, dor ou sofrimento e até a morte. Essa violência está presente em todas as classes sociais e em todos os espaços ocupados pelo homem. É um fenômeno que se apresenta como intrínseco ao ser humano que, na luta cotidiana, gera relações de violência, tornando-se algo institucionalizado por grupos sociais, de maneira sancionada ou tolerada. Como o próprio nome já diz, a violência institucionalizada ocorre dentro das instituições: familiar, escolar, religiosa, de trabalho, esportiva, dentre outras. Contudo, seja qual for o espaço em que ela se apresente, existe um traço comum caracterizado pela imposição de algo de um grupo para outro.

No que se refere à violência nas instituições escolares, é possível considerar que ela é inerente à ação pedagógica e não acontece somente dentro da instituição escolar, funcionando como mecanismo de reprodução das condições de dominação e subordinação de determinadas camadas, grupos ou classes. Deste modo, a escola torna-se um local de reprodução das relações e da hierarquia social, como espaço favorável para reproduzir valores, padrões de comportamentos e modos de se vestir, sentir e agir, sempre de acordo com os grupos dominantes, colaborando para o aumento da desigualdade social.

A escola socializa o indivíduo de maneira repressiva/coercitiva, reprimindo determinadas idéias e comportamentos, tornando-se violenta. A violência institucional escolar possui duas formas básicas: a violência disciplinar e a cultural (simbólica). Segundo Viana (2002, p.120-121) “[...] a violência disciplinar prepara o indivíduo para atuar em qualquer outra instituição disciplinar [utilizando-se] da metodologia de vigilância hierárquica, sanção normatizadora e do exame.” Esses são meios necessários para manter a ordem, a hierarquia e as regras.

Quanto à violência cultural e/ou simbólica³, primeiramente, é preciso considerar que, segundo Araújo (2002, p. 19), “[...] o ser humano não se faz sozinho, sem a sociabilidade que o inclui no mundo da cultura.” Nesse sentido, uma vez que o homem vive em sociedade e a partir dessa vivência adquire cultura, o que permite considerar que a violência cultural se dá numa relação onde determinado grupo impõe a outro, idéias e valores culturais. Nessa linha argumenta Moreira (2008, p. 301) que “[...] a agressão simbólica é aquela imposta pela sociedade dominante e que faz com que o indivíduo menos privilegiado, aceite como natural à dominação [...]”.

No âmbito escolar, esse tipo de violência ocorre levando em consideração que a escola é uma instituição que exerce a função de reproduzir idéias e normas sociais favoráveis à classe dominante, que se apóiam no exercício da autoridade, utilizando-se de conteúdos, programas, avaliações. A imposição da violência cultural, como informa Viana (2002) está

³ A categoria de violência simbólica foi desenvolvida por Bourdieu e Passeron, porém, em seu texto, Nildo Viana trabalha com a categoria de violência cultural entendendo-a como um sinônimo de violência simbólica uma vez que para Bourdieu e Passeron esse tipo de violência significava imposição de significações e sua simultânea legitimação. Por outro lado, a escolha do termo cultural em substituição ao simbólico é explicado por Viana pelo aspecto geral do segundo, uma vez que o referido autor considera que a violência cultural nas escolas está relacionada à imposição, pela burocracia, da cultura dominante.

presente nas grades curriculares, programas, livros e textos adotados, bem como no discurso da burocracia e dos membros do corpo docente.

Dentro da tipologia estabelecida, atualmente, convive-se de perto com as violências doméstica e familiar. O que se considera violência cultural ou simbólica, ocorre no ambiente doméstico e familiar. No processo de socialização, as crianças sofrem, pelos pais, ações que impõem ordem e limites que, embora necessários, enquanto padrões de comportamentos denotam certa violência. Essa imposição de valores às crianças, pelos adultos, não é arbitrária.

De outras formas, ocorridas dentro do âmbito doméstico, e no seio da própria família, tais violências, geralmente, são praticadas pelos homens, às mulheres e crianças de diferentes formas: física, psicológica ou sexual. Em sua forma física, provoca na vítima, desde lesões simples como hematomas, até a mais grave e irreversível, caracterizada pela morte, a mais perceptível, quando não se procura esconder a vítima. O mesmo não acontece com a violência psicológica, que não se apresenta apenas no convívio doméstico e familiar, mas em todos os segmentos sociais.

A violência psicológica “é um conjunto de ações, palavras e atitudes para envergonhar, censurar e pressionar a criança de modo permanente” (ABRAPIA, 1997; CRAMI, 2000; A REDE, s/d apud BRASIL, 2004, p. 36). Essa violência decorre de constantes agressões verbais, desrespeito, xingamentos e preconceitos direcionados às crianças e adolescentes. Tal prática resulta em distúrbios na fala, insônia e problemas de saúde.

Nesse quadro de violência física e psicológica, é possível enquadrar a violência sexual, uma vez que implica em domínio e danos ao corpo e a mente das vítimas que pode ocorrer de forma intrafamiliar ou incestuoso e extrafamiliar. Este tipo de violência é geralmente praticado por alguém que a criança conhece ou confia podem ocorrer em consultórios médicos, igrejas e escolas, o que vem sendo mostrado pela mídia.

Não bastassem todas essas violências contra a criança e ao adolescente, a negligência e o abandono constituem outras formas de violência. Entidades como CRAMI, A REDE e CLAVES consideram a negligência como omissão do responsável pela criança ou adolescente, que se nega a suprir as necessidades necessárias para o um desenvolvimento saudável, como alimentação, roupa, higiene etc.

Esse tipo de violência, geralmente associada à falta de apoio emocional e carinho, leva as crianças a pensarem que são privadas desses fatores porque elas não são importantes para os pais (CLAVES, CRAMI, A REDE; ABRÁPIA, 1997 apud BRASIL, 2004).

Quanto ao abandono, segundo CLAVES, caracteriza-se pela ausência, parcial ou total, dos responsáveis na educação, e cuidados para com os menores, expondo-os a riscos maléficis (BRASIL, 2004). Dessa forma, tais violências sujeitam suas vítimas a privações e perigos diversos.

Em um contexto social mais amplo, as análises sobre o tema têm relacionado o fenômeno da violência nas sociedades modernas, às políticas e aos avanços da sociedade como um todo. O rápido crescimento industrial, a sofisticação das tecnologias, consumo exacerbado, concentração de renda, as privações sociais, abordadas por Mangini (2008), como aquelas referentes à aquisição de bens de consumo, ou até mesmo o difícil acesso a serviços essenciais ao ser humano, causam carências, frustrações o que contribuem para a manutenção ou, até mesmo agravamento do problema.

Em uma sociedade capitalista, como a brasileira, a concentração de renda se faz de maneira desigual, onde a minoria tem muito dinheiro e a maioria convive com o mínimo necessário. Vive-se em uma sociedade desigual com um discurso elitista onde é preciso trabalhar, para deixar de pertencer à maioria. A desigualdade social de forma geral, colabora para o aumento da violência em decorrência da fome, estresses e desemprego que afetam grande parte da população.

Nesse contexto moderno, que coloca o ser humano em constante contato com mudanças, e que tudo se torna obsoleto, a idéia do “ter”, presente no cotidiano coletivo, justifica ações que objetivam atingir “o poder e o ser reconhecido,” dentro de uma sociedade individualista em que a elevação da auto-estima parece relacionada à desvalorização do outro, (não importam os meios para se conseguir algo), perdendo assim, a noção de solidariedade. Esses fatores resultam em ambiente propício à exacerbação de tensão, de conflitos e atos impulsivos.

Independentemente de seus tipos ou formas, atos de violência comprometem as relações sociais dos indivíduos que a sofrem e, particularmente, o desenvolvimento psicológico e emocional da criança, deixando sequelas, afetando nas brincadeiras, no desenvolvimento escolar e no dia-a-dia. Enfim, a criança que sofre algum tipo de violência, não tem um bom desempenho em suas atividades escolares e sociais.

A banalização da vida parece ser a marca do nosso tempo. Casos de violência passam despercebidos pela maioria da população, acostumada, talvez, à sua presença cotidiana, ocorrendo, quando muito, expressões de espanto e indignação de forma rápida e distante, apenas isso. O ser humano parece se sentir impotente e inseguro, diante de uma sociedade fragmentada, cujas autoridades, responsáveis pela segurança e integridade do cidadão, parecem incapacitadas para resolver o problema da violência.

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Esse é um tema vasto e abrangente, portanto, não se pode tratá-lo a partir de uma única causa, pois essas violências podem estar relacionadas a vários motivos. Diante de um quadro cotidiano de violência, sua extensão ao campo escolar suscita discussões, seja na família ou na comunidade, uma vez que a escola não é a única responsável pela solução do problema, mas toda a sociedade, incluindo autoridades responsáveis. Por isso diversos especialistas têm abordado o tema com a finalidade de conhecer as suas causas, de forma ampla e não de forma fragmentada.

Partindo do princípio colocado por Viana (2002) de que entender a violência exige conhecimento de suas causas, torna-se imprescindível, no campo da educação, fazer o levantamento da situação atual de forma a contribuir com o corpo gestor escolar, em particular, e com a sociedade em geral, na verificação dos problemas relacionados com a violência e na viabilidade de possíveis soluções.

Dos muitos fatores que envolvem esta questão, possuem dois sentidos, pois se por um lado às ações praticadas pelo aluno, no espaço escolar, ultrapassam o que se considera socialmente aceitável, por outro lado, compreende-se que estas atitudes têm suas origens na própria realidade vivenciada pelo indivíduo, como uma resposta, em alguns casos às muitas opressões e violências vividas por ele.

De forma geral, observa-se que as agressividades reproduzidas por alunos, podem estar relacionadas ao que eles presenciam ou vivem dentro do convívio doméstico, familiar ou social, mesmo não sendo comportamentos aceitáveis socialmente. O indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes sofre ou presencia atos de violência, pois geralmente está cercado por instrumentos e situações que remetem à violência.

A mídia, por exemplo, é um instrumento que pode contribuir para que crianças e adolescentes reproduzam atos violentos; isso acontece quando se vê na televisão cenas de criminalidade, (inclusive em novelas), de forma empolgante, com distorções significativas da realidade ou nos jogos de vídeo-games, violências e lutas. Percebe-se, portanto, que os meios de comunicações têm colaborado para que a violência seja vista de forma natural.

O indivíduo, quando ocupa os espaços na sociedade, chega com informações e comportamentos adquiridos, os quais foram internalizados, de acordo com suas vivências. É a partir desse quadro que se deve analisar o fenômeno, sobretudo, no espaço escolar. Dentre as possíveis categorias de análise pode-se recorrer à privação, uma vez que interfere na construção do código de valores do indivíduo.

De acordo com Mangini (2008, p. 106) “[...] sérias privações podem diminuir a capacidade de administrar os próprios impulsos, os quais podem manifestar-se livremente, prejudicando as relações sociais ou serem reprimidos por um superego severo...” Assim, é possível, no âmbito da escola, encontrar estudantes que banalizam a vida e a ordem, praticando atos de violência e vandalismo.

Nesse sentido, a privação pode ocorrer em todas as esferas da vida. Uma criança, por exemplo, pode ser privada desde o afeto, até os bens necessários ao seu pleno desenvolvimento. As crianças que sofrem privações afetivas, crescem sem família, sem parâmetros, sem uma direção que age como um facilitador, mostrando a realidade e propiciando a sua compreensão com princípios éticos e morais. Não possuindo um referencial familiar e doméstico, um sentimento de segurança, o indivíduo busca isso fora de casa, na escola, nas drogas e nos mais diversos caminhos.

A privação afetiva que algumas crianças sofrem, prejudica a formação de sua personalidade, de seu caráter. Segundo Silva (2004) alguns fatores como carência afetiva, falta de cidadania e modelos positivos, podem contribuir para que crianças e adolescentes cometam violência e se transformem em criminosos. Devido à ausência de afeto, as crianças podem recorrer à violência como forma de chamar atenção para receber afeto.

Da mesma forma, uma criança que não é educada para respeitar os outros, a partir das noções de valores e cidadania, busca satisfazer suas vontades e, quando isso não acontece, ela se torna violenta, por possuir a violência como valor principal em sua personalidade, como forma de resolver seus conflitos pessoais. Assim, crianças e adolescentes se espelham em tipos e modelos e a sociedade atual, através da imprensa escrita, falada e televisada, além da

internet, têm mostrado muitos casos de assassinatos, roubos, sequestros e tráfico de drogas. Deste modo, faltam modelos humanamente adequados, ou seja, não-violentos, para que os jovens possam segui-los como modelos positivos e dignos.

A falta de afeto e de valores está relacionada com a frequente ausência dos pais, que, em busca da sobrevivência diária para a família, deixam seus filhos com irmãos mais velhos ou babás, o que reduz cada vez mais o tempo de convívio familiar entre pais e filhos. Essa mudança nas relações familiares tem várias implicações. O abandono pode decorrer tanto da necessidade de trabalho dos pais, quanto do total despreparo por parte dos mesmos no trato com a criança, e ainda pela inversão de valores com relação ao papel da escola.

É comum, a prática de terceirização da educação por parte dos pais. Atualmente, as famílias têm transferido a responsabilidade da educação dos seus filhos para a escola, distorcendo e descaracterizando a função da mesma. As perdas ou inversões dos valores afetivos e morais essenciais à educação da criança a vitimou, pois não há mais referencial baseado em afeto, cuidado, respeito mútuo entre crianças e adolescentes, que já não sabem como se comportar na sociedade. As regras que prevalecem parecem ser: o desrespeito, a agressão para com os espaços e com os outros.

Esse seria o espaço das incivildades como colocam Loureiro e Queiroz, ou seja, “[...] os embates cotidianos, as divergências por vezes não discutidas e não negociadas que se expressam em forma de agressões menores, pois vê com uma roupagem que choca menos que uma agressão física, por exemplo.” (2005, p. 4). A incivildade é um sentimento de desrespeito para com todas as pessoas, no ambiente escolar; os alunos são vítimas, perante o colega de sala até todo o quadro de funcionários. Por serem consideradas corriqueiras, as incivildades, não são discutidas nem negociadas, parecem banais e comuns nos dias de hoje.

A violência na escola ocorre desde Intimidações físicas e verbais à degradação do espaço físico ou depredação. Louças e janelas quebradas, banheiros com encanamento entupido, furto de torneiras e lâmpadas, atos de vandalismo (pichações de paredes, muros, carteiras quebradas dentre outros), são alguns exemplos de violência cometida contra o patrimônio escolar, pelos alunos.

Assim, dentre os mais variados motivos que podem causar violências rotineiras dentro das escolas, pode-se destacar a degradação ou desestrutura familiar. No entanto, se do âmbito familiar e doméstico, detectamos essas formas de violência, é preciso esclarecer que, na escola, o fenômeno está relacionado a muitas outras formas. Crianças, adolescentes e jovens,

estão sujeitos a elementos convidativos que aparentemente produzem sentido em sua existência como o uso de drogas, o porte de armas, dentre outros.

Para Araújo (2002) a escola sofre interferências de grupos externos que podem modificar toda a sua organização interna ou rotina diária, manifestada pelas invasões de galeras de forma direta e ameaçadora para solucionar problemas ocorridos fora do ambiente escolar, e também do narcotráfico que se manifesta de forma bem sutil, através dos alunos, com o objetivo de aumentar o seu domínio social e físico tanto dentro ou fora das escolas.

O problema do tráfico nas escolas é preocupante, não só por parte dos professores, diretores, mas por parte dos pais, cientes dos inúmeros problemas gerados pela prática. Segundo Machado,

Os problemas relacionados ao tráfico e utilização de drogas, registrados nas instituições escolares crescem e se agravam a cada dia. Os alunos usuários de drogas apresentam prejuízos no rendimento escolar, saúde, relação familiar, além de estarem mais propensos a distúrbios psicológicos. (2008, p. 149).

Ao fazer parte da rotina da escola, além das consequências pessoais ao usuário, o tráfico gera mais violência por causa da disputa entre traficantes pelo ponto de venda no interior da escola e porque usuários e pequenos traficantes, no intuito de manter o vício, fazem reféns seus próprios colegas, ou se tornam alvo de acerto de contas do narcotráfico. Junto a esse ambiente tenso, os efeitos das drogas, podem variar entre alguns segundos e algumas horas e gerar um período de inconsciência em que o indivíduo pode se tornar mais agressivo, utilizando-se de comportamentos que levam a pessoa a cometer atos de violência.

Segundo Silva, em matéria sobre assassinato de jovem dentro da escola, publicada no jornal *O Popular*,

Dados do Batalhão Escolar da Polícia Militar, revelam que, até setembro deste ano, foram registradas 609 ocorrências de uso e tráfico de drogas, ameaças, furtos e brigas, entre outros tipos de delitos, dentro de colégios Públicos e Particulares localizados em Goiânia. (2008, p. 2).

Tais dados, não apenas comprova a presença das drogas no ambiente escolar, como também demonstram as consequências, ou seja, a incidência de outros tipos de violência decorridos do seu uso.

Quanto ao uso e porte de armas, tanto brancas ou de fogo, são usados para intimidar alguém ou para se defender; sua presença na escola, cada dia mostra-se comum entre crianças

e adolescentes, o que intensifica os casos de homicídios dentro das escolas divulgados pela mídia. A popularidade das armas, no âmbito escolar, em muitos casos, está ligada à familiaridade que a criança tem com o objeto dentro da família. Crianças e adolescentes levam armas para escola com intuito de mostrar aos colegas, ou para se defender de algum problema relacionado aos mesmos, como ameaças, xingamentos e até discussões sem o menor sentido.

Se esses são alguns dos problemas cotidianos, vivenciados pela criança, também se deve considerar que os atos de violência presentes nas escolas, fazem parte de um processo de desprestígio da educação e seus espaços. Sem uma política que realmente promova uma reforma educacional ampla, depara-se com um quadro de funcionários, principalmente no que se referem aos educadores despreparados para lidar com as exigências do mundo presente, consumista e competitivo.

Atualmente, as universidades preparam os profissionais para atuar em escolas ideais — esquecendo-se que serão nas escolas reais — que o profissional da educação, terá que atuar e saber resolver os problemas decorrentes da desigualdade, dos conflitos domésticos, familiares e sociais vivenciados pelos alunos.

Em matéria jornalística acerca da violência e medo nas escolas, a professora Milca Severino, Secretária Estadual da Educação em Goiás, considerou que “[...] hoje um dos problemas mais graves da educação básica em todo o país, é a forma como os alunos tratam os professores” (LONGO, O Popular, 2008, p. 5). Seja qual for o tipo de violência, as consequências são graves, pois interfere na qualidade do ensino e na formação do aluno, como um todo. Com relação aos docentes, estes estão sujeitos a um quadro de patologias diversas, pois as agressões cometidas pelos alunos, interferem em sua disposição física e psicológica, ocasionando, em muitos casos, o abandono das salas de aula e a profissão.

No que se refere ao corpo discente, este também é considerado vítima das inúmeras violências que sofrem, pois se encontra em um ambiente em que não há subsídios necessários ao seu atendimento como um todo, e formação, em particular. Assim, sem correr o risco de generalizações, muitos alunos se apresentam desinteressados, agressivos e possuem dificuldades de relacionamento com os colegas, adquirindo um comportamento anti-social, que pode causar falta constante na sala de aula, a repetência e a evasão escolar, cuja consequência, muitas vezes, é o crime.

Dentro desse cenário, a relação professor e aluno se tornam conflituosa, prejudicando o processo ensino-aprendizagem, o desenvolvimento das aulas e o projeto pedagógico. A escola também sofre as consequências da violência: seus prédios são destruídos, diariamente, através dos atos de vandalismo, que os deixam um caos e assustam a comunidade. Muitas, por não conseguir abrigar os alunos, por falta de estrutura, são fechadas; outras continuam prestando seus serviços precariamente, em favor daqueles que precisam da escola.

Diante do quadro preocupante de violência no âmbito escolar, se faz necessário discutir e promover algumas possíveis soluções para minimizar este conflito, mesmo que essa frequente violência faça parte de uma sociedade que, constantemente, se transforma juntamente com os conflitos gerados por ela.

ALTERNATIVAS PARA MINIMIZAR A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Medeiros (2006) relata que no Brasil, os debates sobre violência nas escolas tiveram início nos anos 1980. Apesar de estarem preocupados com a violência que ocorrem dentro das escolas, os estudos são realizados somente em algumas regiões do Brasil. Pesquisa realizada pela Unesco, informa que esses estudos contemplam apenas 14 capitais brasileiras, e os resultados mostram que além da violência física (contra pessoas e patrimônio) existe a violência simbólica (violação dos direitos e abuso de autoridade) e a incivilidade (humilhação, agressões verbais e falta de respeito). O resultado dessa pesquisa é importante para que as instituições que estejam ou não envolvidas com o ensino promovam estratégias de políticas públicas em favor da diminuição do problema da violência e drogas nas escolas.

O que se deve considerar com relação à busca de solução dos atos de violência que hoje se fazem presentes nas escolas, é que o aluno violento não deve ser tratado como “um” ou “o problema.” Antes de tudo, é preciso conhecer as experiências vividas por esse aluno e procurar detectar as causas da violência em suas atitudes.

Como abordado anteriormente, os problemas familiares são inúmeros. O abandono e a negligência dos pais, as privações afetivas e sociais são desencadeadores de violências nas escolas. Para Milca Severino (LONGO, O Popular, 2008, p. 5) “[...] a violência nas escolas é apenas consequência”. Os conflitos têm início na sociedade que sofrem mudanças constantemente, e seus reflexos são sentidos nas escolas, pois os indivíduos não são violentos porque simplesmente o querem; o modelo de sociedade capitalista já é por si, violento, a

começar por gerar desigualdades gritantes e explorar a mão-de-obra barata, em detrimento dos ricos empresários, banqueiros e industriais.

Há muito vêm sendo discutidas e implementadas ações para solucionar o problema, contudo, é fato que o problema da violência nas escolas ainda não tem medidas preventivas eficazes, uma vez que os resultados nem sempre são positivos. Atitudes como investimento em segurança, ou seja, mediadas com vigias e câmaras são consideradas por alguns intelectuais como agravantes. De outra forma, a proposta de parceria com a comunidade, oferece melhores resultados. Araújo (2002, p. 55) relata o caso da Escola Estadual José do Prado, na região do ABC paulista, que mediante ação da diretora, conseguiu controlar a violência na escola, a partir de um pacto realizado com os grupos, que resolveram preservar a escola e a ordem; houve aí, uma comunicação, um diálogo, o qual surgiu um efeito de maneira civilizada.

Apostar na mobilização da comunidade, como um elo entre o ambiente escolar e não escolar, é algo cada vez mais presente. Segundo Silva (2004) a UNESCO é a favor de que a comunidade faça parte da escola, como no caso do Rio de Janeiro e Pernambuco, que foi elaborado um programa, como teste, o qual, nos finais de semana, a escola pública, ficaria aberta para atividades esportivas, recreativas e pedagógicas. Os resultados dessa ação mostraram que a criminalidade diminuiu em até 60%. Segundo a avaliação da Organização das Nações Unidas para a Educação, à Ciência e a Cultura, esse programa colaborou para diminuir as depredações nas instituições, aumentou a participação das famílias nas escolas e melhorou o relacionamento aluno e professor.

Em nível local, como forma de combater a violência e as drogas dentro das escolas, o Batalhão Escolar desenvolve um programa conhecido como PROERD (Programa Educacional de Resistência à violência e as drogas) que trabalha questões como auto-estima e amor ao próximo, além das drogas; após dez lições, os alunos recebem certificado de participação em cerimônias formais. Essa ação preventiva foi criada nos moldes de iniciativas que tiveram resultados positivos em outros 60 países já adotados (LONGO, O Popular, 2008, p. 5).

Essa participação da comunidade deve ser orientada, sobretudo, para as famílias incentivando-as a participar no processo de formação dos seus filhos. A parceria entre escola, comunidade e família abriria espaço de debates e sugestões de estratégias que colaborariam para minimizar a violência no âmbito escolar.

Em favor da paz, são de fundamental importância, políticas governamentais que proibam acessos de armas e drogas dentro das escolas. Para tentar diminuir a violência nas escolas, a Secretaria Estadual de Educação de Goiás promove o Programa Cidadania e Paz na Escola. Desde 2006, a bandeira da paz percorre as unidades escolares nos 246 Municípios do Estado. (LONGO, O Popular, 2008, p. 5).

Tais políticas também devem refletir sobre a formação de professores capacitados para lidar com os problemas hoje existentes no ambiente escolar. Identificar e analisar os comportamentos agressivos dos alunos, e promover trabalhos de maneira lúdica, inovadora e coletiva, conscientizando-os a respeitar e cooperar com o outro, estimulando as participações e interações em favor da coletividade, são algumas das ações, que um professor bem preparado, pode projetar e executar com sucesso.

Contudo, a escola não é feita apenas por professores e alunos. A instituição como um todo, deve estar preparada para promover projetos multidisciplinares, extracurriculares, como a prática de esporte, cultura e lazer, juntamente com ações comunitárias solidárias, promovendo a sua maior interação com a sociedade. É preciso desenvolver nas escolas, ações de solidariedade e de resgate de valores, cidadania, tolerância e respeito mútuo.

A violência nas escolas, aqui abordadas, apesar de não ser gerada por elas, é dentro delas, que se toma grande dimensão, que se intensifica. Dessa forma, toda equipe escolar deve apostar no diálogo, como ferramenta importante no combate a violência. Discutir os assuntos conflitantes existentes no interior da escola é tão importante quanto discutir o planejamento das aulas, e programas escolares, promover a troca de experiências vivenciadas por aqueles envolvidos no processo de formação do indivíduo, significa a valorização do trabalho em equipe, em oposição às formas fragmentadas de resolução que, muitas vezes, não produzem efeitos positivos.

Outro aspecto necessário à comunidade escolar, é o acesso à profissionais específicos como psicólogos e assistentes sociais; esses profissionais atuariam na promoção de reuniões e debates que conscientizassem sobre o papel da família, sobre os efeitos das drogas, suas manifestações, e como detectar a sua presença no ambiente familiar.

As reflexões e sugestões, ações bem ou mal sucedidas, são inúmeras. Para Moreira (2008) o esporte, a yoga e a caminhada, são ações preventivas capazes de negociar com as pessoas que utilizam a violência contra a escola, favorecendo a interdisciplinaridade no lugar da disciplinaridade. Essas ações colaboram para entender o corpo como um todo, ou seja, leva

em consideração que, para prevenir a violência, se faz necessário pensar no indivíduo como um todo: de forma emocional, psicológica, social e física.

A denúncia também tem sido uma das sugestões com vista a evitar mais ondas de crimes. O tenente coronel do Batalhão Escolar da Polícia Militar do Estado de Goiás, explica que sempre orienta diretores de escolas, que registrem ou façam notificações policiais dos casos de agressões, furtos e drogas ocorridas nas escolas sempre que tiverem conhecimento do fato, para que não ocorra delito mais trágico, como assassinatos (LONGO, O Popular, 2008, p. 5).

Viana (2002) ressalta que para acabar com as idéias desfavoráveis da relação escola e violência, é preciso apresentar um projeto alternativo que envolva escola e sociedade, cuja alternativa seria que a instituição, ao invés de reprimir os comportamentos agressivos dos alunos, buscase a auto-organização dos mesmos, no sentido de contestar a cultura dominante, apontando mudanças. As lutas pela transformação do aluno e da própria instituição, devem está articulada com as lutas que acontecem fora da escola, pela transformação social.

Diante de tantas possibilidades, é importante não abrir mão, sobretudo, da discussão do fenômeno dentro das escolas, com naturalidade, propiciando a interação de todos. Que a violência não seja vista como um mito, como algo longínquo e sim como algo presente na sociedade ao qual todos estão sujeitos. Nas escolas, a conscientização quanto às graves consequências trazidas para o aluno em todos os âmbitos é ainda mais importante para as devidas mediações em seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu observar o fenômeno da violência como algo presente entre as pessoas em todos os lugares e que atinge todas as classes sociais. A violência está de tal modo enraizado no homem moderno, que não se pode deixar de reconhecer que é fenômeno típico de nossa época, sempre presente e com as mais variadas faces. Seu crescimento se dá na mesma proporção que diminui as oportunidades de qualidade de vida, incluindo as condições básicas.

No âmbito escolar, aqui abordado com veemência, a manifestação da violência se torna cada vez mais frequente entre os jovens. Tal fenômeno, no âmbito desse trabalho, foi considerado como associado ao ambiente extraescolar, o qual promove transformações e

influencia de maneira negativa, nas relações intraescolares, pois nesse espaço, se manifestam os conflitos, os quais são reflexos dos problemas que acontecem no seio da sociedade, inclusive na família, pois muitos dos jovens violentos advêm de famílias desestruturadas, se considerarmos que a família é a base da sociedade.

Dessa forma, as abordagens em torno do tema foram orientadas no sentido de contribuir para uma tomada de consciência, de reflexão, sobre o que pode ser feito, sobre a complexidade que o fenômeno constitui, bem como para amenizar a violência, promovendo o conhecimento de fatos até então desconhecidos. Nessa perspectiva constatou-se a necessidade de se trabalhar com a comunidade, a família, e escola de forma sintonizada, interagir forças, acreditando na possibilidade de oferecer a todos os alunos, a oportunidade de desenvolverem as suas potencialidades de maneira tranquila e saudável, para o bem de todos.

VIOLENCE INSIDE SCHOOL: CAUSES AND CONSEQUENCES

Abstract: The present article deals with the violence in the schools, its causes and consequences. Currently the manifestation of the violence in the society in general and in the schools, becomes visible. Front this reality, it becomes necessary an analysis of the subject that it considers not violence in itself, but elements it. Thus, it has that if to verify the manifestations of violence in the society, its reasons, its types and the possible consequences for the pertaining to school environment and the development of educating. A carried through time such analysis, is intended to present some possibilities of work that can contribute to brighten up the question of the violence in the schools. Remembering that the school is the social space for the formation on independent citizens, if it makes necessary to rethink its paper end to consider alternatives that brighten up conflicts lived in the pertaining to school environment.

Key-words: Violence. School. Society.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola:** suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. **Guia escolar:** métodos usados para a identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes – uma década de lições aprendidas. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério da Educação, 2004. (Rede de proteção à infância).

LONGO, Malu. Violência e medo rondam as escolas. **O Popular**, Goiânia, p. 5, 18 nov. 2008.

LOUREIRO, Ana Carla Amorim Moura; QUEIROZ, Sávio Silveira de. **A concepção de violência segundo atores do cotidiano de uma escola particular**: uma análise psicológica. 2005. Disponível em: < <http://pepsic.bvs-psi.org.br>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

MACHADO, Camila S. A inter-relação das drogas com a violência nas escolas. In: MEDRADO, H. (Org.) **Violência nas escolas**. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

MANGINI, Rosana C. R. Privação afetiva e social: implicações nas escolas. In: MEDRADO, H. (Org.) **Violência nas escolas**. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

MEDEIROS, Regina. A trajetória da pesquisa: de dentro e fora das escolas. In: MEDEIROS, R. (Org.). **A escola no singular e no plural**: um estudo sobre violência e drogas nas escolas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MOREIRA, Bernadete S. A linguagem corporal: formas negociadas contra agressões do meio. In: MEDRADO, H. (Org.) **Violência nas escolas**. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, n. 59).

RESTA, Sacha C. Análise comportamental: drogas nas escolas. In: MEDRADO, H. (Org.) **Violência nas escolas**. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

SILVA, Maria J. Estudante separava uma briga quando foi atingido por um tiro no peito disparado por um colega. **O Popular**, Goiânia, p. 2, 22 out. 2008.

SILVA, Pedro. N. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VIANA, Nildo. Escola e violência. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). **Educação, cultura e sociedade**: abordagens críticas da escola. Goiânia: Edições Germinal, 2002.